

Nem complexo de vira-latas, nem herói genial: o caso da imprensa de Montes Claros frente às máximas de Nelson Rodrigues nas Copas de 1958 e 1962

*Neither Mongrel Complex, nor Brilliant Hero:
The Peculiar Case of the Printing Press in Montes Claros Faced with
Nelson Rodrigues's Maxims circa the 1958 and 1962 World Cups*

Rogério Othon Teixeira Alves

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/Brasil
Doutorando em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais
rogerioothon@gmail.com

Luciano Pereira da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil
Doutor em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: A Copa do Mundo de 1958 tornou-se um limiar de passagem do “complexo de vira-latas” para o “herói genial” de Nelson Rodrigues. Todavia, tal sentimento construído na fronteira imaginária da Copa da Suécia poderia ser notado em qualquer cidade brasileira? Neste artigo, objetiva-se discutir nuances que pairam sobre o tema Copa do Mundo de Futebol e o próprio futebol, no período que circundou a Copa de 1958, tomando por base a imprensa do Rio de Janeiro e da cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Conclui-se que o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, o jornal montes-clarense *Gazeta de Norte* enfocava o futebol municipal, destacando os eventos da cidade em detrimento do futebol externo. Mesmo que o futebol já detivesse significativa importância, não se nota no jornal norte-mineiro crônicas análogas às feitas ao estilo de Nelson Rodrigues, supostamente refletindo o brasileiro através do futebol.

Palavras-chave: História; Copa do Mundo; Futebol; Imprensa.

Abstract: The 1958 World Cup has become a threshold of Nelson Rodrigues’s “mongrel complex” to the “great hero”. Nevertheless, could such sentiment built on the imaginary boundaries of the Sweden Cup be noticed in any other Brazilian city? This piece aims to discuss the nuances that hang over the topic of the World Cup and the football circa the 1958 Cup, using the Rio de Janeiro and Montes Claros (in the north of Minas Gerais State) printing press as reference. The conclusion is that football had peculiarities attached to the internal aspect, hence the Montes Claros newspaper *Gazeta de Norte* focused on the local football, highlighting the city events rather than the non-local football. Although football held considerable importance, it is not noticed on the north of Minas Gerais newspaper similar chronicles to the Nelson Rodrigues-style, which supposedly conveyed the Brazilian people through football.

Keywords: History; World Cup; Football; Press.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em ano de Copa de Mundo de Futebol, como 2018, é comum que o Brasil siga algumas situações próprias do evento, entre elas: diz-se que o ano torna-se menor, pois nos dias de jogos da seleção trabalha-se e estuda-se menos e que o país “para” em função dos jogos. Finalmente, há mais folgas e festas no decorrer da competição e, se o Brasil for campeão, então, atinge-se o ápice do uso do calendário festivo. É um período de possíveis alegrias e frustrações, ansiedade que muitos torcedores/cidadãos carregam de quatro em quatro anos.

Pelo país, o significado do futebol para muitas pessoas pode ser observado no cotidiano, pois é comum que cada brasileiro tenha preferência por alguma equipe, entretanto, durante a Copa do Mundo, todos são representados pela seleção. No dia-a-dia, pode-se até nem se gostar tanto de futebol, no entanto, independente disso, o que é possível afirmar é que ele tornou-se uma paixão nacional manifestada na sua cultura:

O futebol, denominado esporte das multidões, é capaz de levar milhões de torcedores brasileiros e bilhões em todo o mundo a assistirem as partidas nos estádios ou em frente aos televisores, capaz de parar as atividades cotidianas do país em períodos de Copa do Mundo. Talvez, por isso mesmo, tenhamos a impressão bastante disseminada, e fruto de um processo bem sucedido de naturalização, de que o futebol é algo inerente ao brasileiro, quase se confundindo com ele próprio. Essa aproximação é tanta que, podemos até pensar que se não fomos os inventores desse esporte, tal fato só se deu em virtude de alguma piada do destino.¹

Com tanta proximidade com o futebol, pode-se conjecturar que, dificilmente, haja algum brasileiro totalmente alheio a ele, porque, de alguma forma sempre se é influenciado por esse esporte. Contudo, uma generalização do significado do futebol, num país de dimensões territoriais tão amplas como o Brasil, suscita sentidos e variações próprias de cada região, por vezes, tão distantes e diferentes. Ou seja, as cidades brasileiras são atingidas com maior ou menor significado pelo “mundo do futebol”.

¹ SANTOS; BORGES. *Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras*, p. 62-63.

A partir desta hipótese, pois não se pode afirmá-la aqui, a constituição histórica dos aspectos do futebol, Brasil afora, obedeceu às peculiaridades regionais, porque nem sempre o que acontecia no Rio de Janeiro,² por exemplo, refletir-se-ia exatamente pelos rincões do país. Sobre esta questão da historiografia do futebol brasileiro, Cleber Dias afirma que

o papel do Rio de Janeiro ou de outros centros metropolitanos na disseminação de esportes “por todo o Brasil”, país que tem pujante diversidade cultural, além de suas conhecidas dimensões continentais, é no mínimo relativo, se não totalmente questionável. Essas condições, na verdade, impedem mesmo a identificação de um ponto único para a disseminação de esportes.³

Sendo assim, objetiva-se discutir algumas nuances que pairam sobre o tema Copa do Mundo de Futebol e o próprio futebol, especificamente no período que circundou a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, quando o Brasil sagrou-se campeão, tomando por base a imprensa do Rio de Janeiro, capital federal à época, e a cidade de Montes Claros, situada no sertão norte-mineiro.

Basicamente, a partir das representações da imprensa, nos contextos das cidades pesquisadas, questiona-se: o que acontecia na grande cidade também se notava na pequena cidade do interior? Ao conquistar a Copa tão esperada, algo tão propalado, houve o mesmo significado para ambas? Existiam particularidades regionais que distinguem o alcance das Copas do Mundo?

Uma estratégia para se perceber o universo do futebol brasileiro dos anos 1950 foi o acesso aos periódicos da época. Tal método mostrou-se pertinente, porque que a mídia, como um todo, é um meio de exposição das representações da realidade com a capacidade de influir nas relações e na opinião pública. Por isso, a pesquisa em jornais e revistas, tanto do Rio de Janeiro como de Montes Claros, subsidiaram a busca pela construção do cenário próprio de ambas, relativo ao tema futebol e a Copa do Mundo.

² O desenvolvimento do esporte no Brasil relaciona-se com o crescimento e remodelação das cidades no final do século XIX e XX, porém, o Rio de Janeiro é a pioneira no processo de desenvolvimento dos equipamentos esportivos no país, tendo como base a Europa e os Estados Unidos, servindo de inspiração para o restante da nação (MELO. Primórdios do esporte no Brasil.).

³ DIAS. O esporte e a cidade na historiografia brasileira, p. 38.

Sobre o uso dos periódicos como fonte de informações para o trabalho, tal como expõe Luca, entende-se que esta forma de imprensa, jornal ou revista, “[...] seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.⁴ Contudo, como estratégia de análise das fontes, é sabido que o historiador “[...] de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”.⁵

De tal modo, no processo do estudo optou-se pelo entendimento de Brinati, quando diz que “[...] entre os meios de comunicação, os jornais impressos apresentam-se como um objeto de estudo de valor acadêmico inegável, à medida que usualmente servem de fonte para os demais veículos e falam diretamente a um público formador de opinião”.⁶ Por fim, a imprensa carioca serviu as informações necessárias sobre a Capital e o extinto jornal montes-clarense *Gazeta do Norte* foi a fonte de dados da cidade norte-mineira.

O RIO DE JANEIRO E A COPA DE 1958: DO “VIRA-LATA” AO “HERÓI GENIAL”

Na história do Brasil, diversas são as passagens convencionadas como “mitos fundantes”, da mesma forma, na história do futebol brasileiro também se identificam alguns fatos certamente discutíveis, sendo alguns deles: Charles Miller como o “pai” do futebol; Sport Club Rio Grande, equipe de futebol mais antiga; Vasco da Gama: pioneiro na contratação de negros. Este trabalho não intenciona questionar tais afirmações, mas discute a porosidade de declarações históricas: quando uma “verdade” decretada pode e deve, no mínimo, ser discutida. Afinal, questionar os efeitos do futebol em cidades distantes e distintas como Rio de Janeiro e Montes Claros, no período pré e pós Copa do Mundo de 1958, é possível ou há uma verdade posta e inegável?

A partir de uma postura menos estática, ao se deparar com uma generalização histórica, é importante que se questione tal fato ao ponto de se

⁴ LUCA. *Fontes impressas*, p. 139.

⁵ LUCA. *Fontes impressas*, p. 139.

⁶ BRITANI. *Maracanazo e Mineiraten*, p. 2.

poder rechaçá-la, se necessário e se possível. Então, compreende-se que já exista algum consenso sobre a capacidade de influência do futebol na formação identitária da gente brasileira. Sobre esta competência, Brinati expõe que:

O futebol é, então, um dos elementos representativos do sentimento de identificação nacional, integrante fundamental da Cultura Brasileira. Desde os primeiros anos, ele foi utilizado de maneira relevante em questões de busca do “ser brasileiro”. Produtor de sentidos de fascínio e idolatria pelas equipes e jogadores, já que a trajetória do atleta se assemelharia muito à do herói, com várias proações pelo caminho e, no fim, compartilhando a vitória com os seus semelhantes.⁷

Nos anos 1950, Nelson Rodrigues era um dos cronistas esportivos dos jornais cariocas que melhor se encaixava numa postura crítica, mas de caráter ufanista, criando um discurso efusivo e vibrante, emocional e aproximado de cronista/torcedor.⁸ O cronista em questão, ao expressar que o Brasil era a “pátria em chuteiras” ou que o “futebol era o ópio do povo”, quais significados ou objetivos teria? Os entendimentos são diversos, os fatores são inúmeros, por isso que o futebol pode ser o mote de vida um brasileiro, mas pode ser inócuo para outros.

“Como o sacerdote para o ritual, o cronista de futebol é, para o jogoespetáculo, o intérprete privilegiado, iniciado em seus segredos, capaz de compreender o seu lado “misterioso” e “patético” e de desvendar os seus sentidos”.⁹ Nelson Rodrigues, entre outros cronistas, refletia o país em suas crônicas, porém, o processo de persuasão rodriguiana da opinião pública não foi abrupta. Nesse método de construção identitária de “país do futebol”, por exemplo, havia um procedimento de divulgação e convencimento, via imprensa, imprimido pelos jornalistas esportivos. Portanto, como asseguram Borges e Santos,

[...] o Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser determinada temporalmente, na qual os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente e, dentre os vários e renomados cronistas esportivos brasileiros, Nelson Rodrigues ocupa um lugar especial.¹⁰

⁷ BRINATI. *Maracanazo e Mineiraten*, p. 14.

⁸ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*.

⁹ SILVA. *O mundo do futebol e a crônica esportiva*, p. 104.

¹⁰ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 64.

Com o tempo, não foram poucos os pesquisadores que, de alguma forma, aproximaram-se e utilizaram da crônica de Rodrigues para estudos que tematizaram a formação identitária do povo brasileiro. Os textos, muitos deles acessíveis nos arquivos dos jornais que trabalhou e/ou republicados em coletâneas de 1993¹¹ e 2013,¹² foram base para vários trabalhos acadêmicos, dentre eles: Silva,¹³ Hollanda,¹⁴ Borges,¹⁵ Silva,¹⁶ Pinho,¹⁷ Santos,¹⁸ Rodrigues,¹⁹ Souza,²⁰ Braga,²¹ Almeida²² e Brinati.²³ Tais autores confeccionaram textos científicos baseados na tradução do cotidiano do brasileiro, arraigado na rotina do futebol que Nelson Rodrigues descrevera nos jornais cariocas.

No bojo dos estudos mencionados, observa-se que o discurso de Rodrigues subsidiou e subsidia a análise sobre questões raciais, como no emprego do negro como herói nacional através do futebol, também alimenta a discussão política em suas críticas colocações, ao espelhar futebol e política, enfim, os autores que consideraram Nelson Rodrigues, invariavelmente, compreenderam o futebol como definidor da identidade coletiva brasileira, e enxergaram e interpretaram o Brasil a partir dele, no afã de decifrar a cultura e a “alma brasileira”.

Como abordou Silva (2017), a crônica esportiva brasileira, especialmente sobre o futebol, alçou o esporte a um nível de significação que extrapolou o óbvio sentido biológico da prática, constituindo-o em algo especial para o brasileiro.

Transformado em um espetáculo de grandes dimensões, o futebol foi exaustivamente interpretado no Brasil e, através do discurso sobre o jogo, ele se tornou sistema de significação extremamente dinâmico, por meio do qual se produzem sentidos ligados a outras esferas da vida do homem. Nesse processo, como já dissemos, a imprensa esportiva tem uma grande importância, pois a escrita pereniza o discurso, propiciando

¹¹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, 1993.

¹² RODRIGUES. *A pátria de chuteiras*, 2013.

¹³ SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*.

¹⁴ HOLLANDA. *O descobrimento do futebol*.

¹⁵ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*; BORGES, Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras.

¹⁶ SILVA. Pelé e o complexo de “vira-latas”.

¹⁷ PINHO. Futebol, nação e homem brasileiro.

¹⁸ SANTOS. A “pátria em chuteiras”, para o bem e para o mal.

¹⁹ RODRIGUES. O pangaré, o vira-latas e o burrico.

²⁰ SOUZA. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo.

²¹ BRAGA. Vira-latas – complexos e cultura no país do futebol.

²² ALMEIDA. Sobre “viralatismo” e “pessimismo”.

²³ BRINATI. *Maracanazo e Mineiratzen*.

uma gradativa cristalização dos sentidos. E, dentre os discursos da imprensa esportiva, a crônica parece exercer um papel especialmente importante.²⁴

Porém, dificilmente algo será mais emblemático do que a expressão “complexo de vira-latas”, cunhada por Nelson Rodrigues para representar o brasileiro. Para o cronista, esse complexo “é um problema de fé em si mesmo”²⁵ que se originou da compreensão de inferiorização do brasileiro frente ao estrangeiro, principalmente após o *maracanazo*,²⁶ em 1950:

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.²⁷

Nelson Rodrigues “[...] entende que essa debilidade vincula-se, de forma inexorável, a um forte sentimento de inferioridade que nós mesmos nos atribuímos, em especial frente aos estrangeiros”.²⁸ Em tempo, salienta-se que a crônica sobre o “complexo de vira-latas” foi escrita antes da Copa do Mundo de 1958 e aí (quem sabe?) esteja o clímax da questão: Nota-se que a crônica não foi profética, posto que o Brasil sagrou-se campeão na Suécia; e também não foi oportunista, porque deixa claro a sua angústia pré-copa, notadamente após o fiasco de 1950.

O cronista deixa claro que o Brasil só venceria uma Copa se houvesse convencimento próprio para tal conquista, já que, futebol, há anos não faltava. Enfim, a síndrome “complexo de vira-latas”, proposta por Nelson Rodrigues, é

²⁴ SILVA. O mundo do futebol e a crônica esportiva, p. 96.

²⁵ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 61-62.

²⁶ A derrota da seleção brasileira para Uruguai na Copa do Mundo de 1950, “pelo seu significado, pelas condições em que aconteceu e por sua repercussão – que ultrapassa os “traumas” individuais para transformar-se em um dos maiores “traumas” de toda uma nação – a derrota da Copa de 1950 entrou para história não apenas como uma partida de futebol, ou mesmo como a perda de uma Copa do Mundo: o Maracanazo – como os uruguaios costumam se referir ao episódio – é um dos maiores golpes que a auto-estima do brasileiro sofreu no século XX” (GILARDI. 1950, p. 127).

²⁷ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 61-62.

²⁸ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 162.

original, fundante e símbolo de um período do futebol brasileiro e, por diagnóstico rodriguiano, do brasileiro em geral.

Foi após a conquista da Copa da Suécia (28 anos depois da primeira e oito anos após o fracasso na Copa do Brasil) que o brasileiro se libertou do sentimento frustrante do “complexo de vira-latas”. Foi um alívio geral, abertura para um período de vitórias que viriam em seguida:

Chama-se de *era de ouro* do futebol brasileiro ao período que vai de 1958 a 1970, quando a conquista de três títulos mundiais nas Copas da Suécia, do Chile e no México encantou as plateias internacionais e projetou o Brasil como o *país do futebol*. Nela, o país ganhou de forma peremptória reconhecimento mundial nesse esporte.²⁹

No dia 29 de junho de 1958 o selecionado brasileiro derrotou os suecos na final da Copa por 5 a 2. O sentimento de inferioridade ao se depararem com os europeus, justificado muitas vezes pela miscigenação, supostamente deletéria, existente nos atletas brasileiros, deu lugar às efusivas comemorações nas ruas e expurgou o fantasma de 1950: “*Vice’ Agora São Os Outros!*”, estampou o anúncio do *Guaraná Champagne Antártica*³⁰ sobre a conquista. O jogador de futebol, e por consequência o brasileiro, anteriormente humilhado pelo estrangeiro, foi alçado à categoria de “homem genial”, “[...] repleto de virtudes e qualidades”.³¹

Além dos festejos, a imprensa, antes reticente, selou o depois em exultação pelo título, veiculando a façanha na Europa e transformando os jogadores em heróis nacionais. Através dela, também emergiu o sentimento advindo das vitórias que viriam em seguida. A crônica de Barbosa Lima Sobrinho, publicada no dia da final da Copa, expressa o sentimento para além da conquista esportiva, definindo o momento como o despertar da maioria esportiva brasileira:

Não haverá exagero em dizer que o Brasil está conquistando, na Suécia, não apenas um campeonato de futebol, mas a declaração de sua maioria esportiva. E um laurel dessa espécie, pela maneira como vem sendo obtido, não eleva apenas os jogadores e dirigentes que o conquistaram. Dignifica e exalta a todo o Brasil.³²

²⁹ HOLLANDA. *O descobrimento do futebol*, p. 16.

³⁰ JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, p. 5, 30 junho 1958.

³¹ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 44.

³² JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 3, 29 junho 1958.

“A miscigenação, antes exótica e negativa, torna-se familiar com o exemplo do futebol, já que o motivo de nosso suposto talento ao praticar este esporte é creditado à mestiçagem”.³³ Depois da conquista, a superação do “complexo de vira-latas” pode ser notada na imprensa, tal como na crônica de Rachel de Queiroz para a revista *O Cruzeiro*. Na opinião da já eminente escritora brasileira, a miscigenação nunca teria sido um problema, pelo contrário, em função dela o Brasil fora campeão:

Mas pondo de lado os sonhos, o fato é que a vitória na Copa do Mundo foi boa por todos os motivos. [...] Ainda havia muito brasileiro tonto que, confessada ou encobertamente, acreditava que no fundo, o nosso mal era mesmo a falta de raça, ou antes da mistura dela, e que isso de liderança, tanto em esporte como em outras coisas, só se deixou para ariano. Nós tínhamos improvisação, brilho e vários etcéteras, mas o jôgo mesmo de equipe e fibra de campeão, que é bom, isso não tínhamos. [...] E eis aí o campeonato invicto a provar de arraso que, tal como dissemos sempre, côr nunca foi nem é documento.³⁴

Em outro momento de expurgo do *maracanazo*, Mário Filho, cronista do meio esportivo e irmão de Nelson Rodrigues, agradece publicamente aos jogadores campeões, explicitando o grande feito esportivo. Porém, mais do que isso, o cronista está extirpando o “complexo de vira-latas” que o perseguia há anos e que impedia a suposta grandeza do país para o mundo:

O que eu queria dizer a vocês era um muito obrigado. Sempre tínhamos uma prova como a que vocês venceram. Não se tratava apenas de uma herança de 16 de julho. Mas a 16 de julho não foi apenas um scratch brasileiro que perdeu. Sentimos mais a derrota, porque era também a nossa derrota. [...] Já não haverá brasileiro que, como a 16 de julho, se lamentavam de ser brasileiros. [...] Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor à Pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. [...] Muito obrigado, jogadores brasileiros: vocês mostraram ao mundo um Brasil perfeito.³⁵

A partir de 1958 as crônicas de Nelson Rodrigues vão combater o “complexo de vira-latas” e enaltecer a grandeza do brasileiro objetivando o avanço da sua autoconfiança. “Para ele, essa confiança só se faz presente nos momentos de

³³ MOSTARO; HELAL; AMARO. Futebol, nação e representações, p. 282.

³⁴ O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, p. 146, 19 julho 1958.

³⁵ JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, p. 3, 30 junho 1958.

vitória, quando derrotados o complexo de inferioridade volta a fazer morada no imaginário brasileiro”.³⁶

Tornou-se claro que, tanto a imprensa carioca como autores acadêmicos, tiveram na Copa do Mundo de 1958, um limiar do “vira-latas” para o “herói”, todavia, tal sentimento construído na fronteira imaginária da Copa da Suécia poderia ser notado em qualquer cidade do país? Na longínqua cidade de Montes Claros, a formação identitária brasileira, subsidiada pela indissociação do futebol do caráter do sujeito brasileiro, pareceu não coexistir, pois, nem o “complexo de vira-latas”, nem o “herói genial”, foram observados na imprensa esportiva montesclareense, nem antes, nem durante as Copas da Suécia (1958) e do Chile (1962).

FUTEBOL EM MONTES CLAROS: NEM “VIRA-LATAS”, NEM “HERÓI”

De maneira geral, “[...] acredita-se que o futebol é fruto das transformações sociais, políticas e econômicas que desencadearam o que se convencionou denominar de *modernidade* e, nesta perspectiva, seu berço seria a Inglaterra do século XIX”.³⁷ No Brasil do início do século XX, alguns esportes, mas especialmente o futebol, eram praticados como forma de distinção de classe social, contudo, se originalmente era praticado pela elite, com o tempo iria ser assumido pelas classes mais populares.

“Embora já sendo reconhecida como uma cidade de considerável importância e influência no norte do Estado, Montes Claros recebe a experiência de práticas pertencentes ao ideário da modernidade tardiamente”.³⁸ O primeiro registro da prática, ou intenção, do futebol em suas terras é creditado aos padres premonstratenses, que em 1905 organizaram uma partida na atual Praça da Matriz.³⁹ Entretanto, só em 1916 seria fundada a primeira equipe de futebol da cidade, o *Mineiro Foot-Ball Club*, e a segunda em 1917, o *América Foot-Ball Club*.⁴⁰

No seu trajeto histórico no Brasil, o futebol pode ser apontado como o esporte que mais rapidamente se popularizou, deixando aos poucos, de ser sinal de

³⁶ BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 162.

³⁷ SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO. *História do futebol*, p. 34.

³⁸ SILVA; SOUZA NETO. Primeiros movimentos do foot-ball em Montes Claros, p. 6.

³⁹ SILVA; SILVA; CALEIRO. Fé, teatro e bola no pé, p. 261.

⁴⁰ SILVA. *Em nome da modernidade*.

superioridade ou de pertencimento a um determinado grupo social. Em Montes Claros, “[...] o futebol, visto como moderno e fidalgo, sobretudo se fosse praticado à maneira inglesa, representava o ideal de comportamento a ser assumido pela sociedade em formação.⁴¹ Nesse cenário, o esporte bretão rapidamente faria parte da diversão da elite que se modernizava procurando uma nova forma de viver o cotidiano social, com novos valores e atitudes, dando ares de pertencimento a um novo tempo.

No presente estudo, questionou-se os possíveis reflexos do “complexo de vira-latas” e do “herói genial” rodriguianos, na cidade de Montes Claros-MG. Para isto, a fonte de informações acessada foi a extinta *Gazeta do Norte*.

Sobre a força da imprensa e o jornal local *Gazeta do Norte*, Veloso diz que:

Se a influência dos imaginários sobre as mentalidades depende dos meios que asseguram a sua difusão, no contexto montesclarenses, em que outros jornais já haviam sido instalados e desativados, a *Gazeta do Norte*, com publicações regulares de 1918 até a década de 1960, ocupou um lugar diferenciado. Por ter sido o primeiro periódico a consolidar-se no ramo jornalístico, por um longo período produziu representações e possibilitou sua circulação.⁴²

Averiguadas as edições da *Gazeta do Norte* do ano de 1950, nota-se completa inexistência de informações ou reportagens sobre a Copa do Mundo do Brasil. Nem a euforia causada pelo fato de ser sede da Copa observa-se nos jornais, aspecto bem diferente da imprensa carioca, tão pouco a decepção causada pela derrota ao final, foi abordada. Enfim, se a causa maior do “complexo de vira-latas” é o revés brasileiro para os uruguaios no final da Copa de 1950, é possível afirmar, a *Gazeta do Norte*, importante meio de comunicação montes-clarense, o ignorou.

O jornal *Gazeta do Norte*, meio de informação montes-clarense acessado na pesquisa, foi fundado e comandado por José Tomaz de Oliveira e seus filhos, Ari e Jair de Oliveira. Os Oliveira têm formação profissional destacada, o que possivelmente os definiu como sujeitos bem informados quanto ao que ocorria nos

⁴¹ SILVA. *Em nome da modernidade*, p. 188.

⁴² VELOSO. *A missão “desalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)*, p. 70.

grandes centros do país. No período desta pesquisa, o diretor-proprietário do jornal era Jair de Oliveira, “[...] figura grandemente estimada em todo o norte de Minas”.⁴³

Jair de Oliveira iniciou os seus estudos na Escola Normal de Montes Claros e aos “[...] 17 anos transferiu-se para Recife onde fez cursos preparatórios no Ginásio Pernambucano e cursou a Escola Politécnica por um ano, trabalhando em diversos jornais. Fundou a *Revista Mauricea*⁴⁴ e, em 1924 regressou a Montes Claros”.⁴⁵

Cabe salientar que, Jair de Oliveira, ao estudar e trabalhar na cidade de Recife, estabeleceu-se temporariamente num dos centros de maior densidade populacional do final do século XIX e início do XX no Brasil. Naquela época, a cidade do Recife exercia papel destacado no aspecto econômico, cultural e social brasileiro, o que influenciava o comportamento, desencadeando novos costumes e novas práticas naquela região. Deste modo, conjectura-se que a *Gazeta do Norte* era dirigida por uma pessoa que teve formação ampliada e, por isso, devia ser conhecedora do que se passava nas grandes cidades. Enfim, se a coluna esportiva do jornal dava preferência ao futebol local, não era por desconhecimento do diretor sobre o futebol externo, e sim, por uma decisão editorial.

Historicamente, a primeira notícia que se observa veiculada num jornal montes-clarense, referente ao futebol de fora da cidade, é sobre o campeonato sul-americano de 1919: o jornal informa sobre a conquista dos brasileiros, para delírio dos mais de 30 mil torcedores presentes.⁴⁶

“Em 1919, com a realização do Torneio Sul-Americano de Futebol no Brasil, o esporte afirma seu caráter popular”.⁴⁷ Importa frisar que, apesar do grande feito da seleção brasileira no estádio das Laranjeiras em 1919, ter movimentado a imprensa carioca da época, o título sul-americano não fez surgir noticiários

⁴³ PAULA. *Montes Claros*, p. 249.

⁴⁴ Segundo os jornais pernambucanos *A Província*, (dos dias 07/11 e 1º/12 de 1923) e o *Jornal Pequeno* (de 09/11/1923), esta revista de artes e letras, de propriedade e direcção de Joaquim Inojosa, circulou pela primeira vez em novembro de 1923, tendo Jair de Oliveira como colaborador da seção *Verso e Prosa* e da seção *Flores Murchas*, e não como fundador, como informou Geisa Veloso (2008). O seu fundador, Joaquim Inojosa, foi um dos divulgadores do movimento modernista nordestino de 1922 e colaborador do *Jornal do Commercio* (A chegada do Século XX). Disponível em: <http://bit.ly/2RE79J3>.

⁴⁵ VELOSO. *A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)*, p.55.

⁴⁶ SILVA. Futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros/MG, p. 17.

⁴⁷ MOSTARO; HELAL; AMARO. Futebol, nação e representações, p. 274.

futebolísticos nos jornais de Montes Claros. O que se nota nas páginas da *Gazeta do Norte*, é o desenvolvimento do futebol amador da cidade e a manutenção da atenção do folhetim para o futebol local, dificilmente o jornal noticiaria algum episódio esportivo fora de Montes Claros.

Possivelmente, a característica regionalista da *Gazeta do Norte*, constitui-se numa peculiaridade da imprensa esportiva local, qual seja: valorizar a notícia esportiva própria, entre elas a do futebol, porque, nos períodos das Copas de 1950/54 até a disputa da Copa de 1958, quase nada de outra cidade ou país foi veiculado pelo jornal. Por isso que as analogias rodriguianas, tão presentes na imprensa carioca, são imperceptíveis nas páginas do jornal da cidade norte-mineira. Portanto, a *Gazeta do Norte* não representou o “complexo de vira-latas”, como se poderia supor.

Como já abordado, a Copa da Suécia de 1958, vencida pelo Brasil, serviu como uma fronteira entre o sentimento de inferioridade do brasileiro perante o estrangeiro, notadamente no futebol, e a constituição do brasileiro forte e vencedor, que “assombrou” o mundo nos campos suecos, e que Nelson Rodrigues, entre outros cronistas cariocas, instituiria como herói nacional. Sendo assim, os sentimentos que as Copas de 1958 e 1962 conceberam são diferentes, limítrofes: em 1958 o temor, e em 1962 o orgulho:

Assim, em 58, às vésperas da Copa da Suécia, "o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós" e "traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades"; em 62, logo após a conquista do bicampeonato mundial no Chile, "cada brasileiro [...] sentiu-se fisicamente implicado no triunfo" e "cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas".⁴⁸

Tal transição estava clara nos jornais da Capital Federal, porém, ao se analisar a cidade de Montes Claros, isso quase não se observa, nem na Copa de 1958 e nem na Copa de 1962. O que se nota é que o futebol, nos anos 1950, já se estabelecera como um fenômeno significativo e rotineiro nas páginas da *Gazeta do Norte*, pois são inúmeras as publicações referentes às equipes locais,

⁴⁸ SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 60.

principalmente sobre a Associação Desportiva Ateneu e a Associação Atlética Cassimiro de Abreu.

Ambas, Ateneu e Cassimiro, protagonizavam os grandes embates do futebol local, tanto que os seus encontros eram considerados como “o grande clássico do futebol da cidade, [...] tradicionais rivais de nossas canchas”.⁴⁹ Como exemplo, a *Gazeta do Norte* anunciou um jogo em maio de 1958: “Voltam a se defrontar os dois maiores clubes da cidade, numa pelega de gigantes”,⁵⁰ que terminaria empatado (Fig. 1).



Fig. 1: O clássico montes-clarenses Ateneu contra Cassimiro, pelo campeonato da cidade de 1958. *Gazeta do Norte*, 11 maio 1958, p. 4.

Diferente da cobertura do futebol local, em relação à primeira conquista da seleção brasileira em 1958, na *Gazeta do Norte* encontram-se apenas duas menções aos campeões do mundo: ambas de após o final da Copa e numa mesma edição do jornal, dia 06 de julho de 1958. Na primeira (Fig. 2), encontra-se a publicação da letra da música “Baião bem brasileiro”, de autoria do professor Orbilio Pereira da Silva, homenageando os jogadores e suas qualidades individuais ao conquistarem o título da Europa.

⁴⁹ GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 2, 2 outubro 1959.

⁵⁰ GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 4, 11 maio 1958.

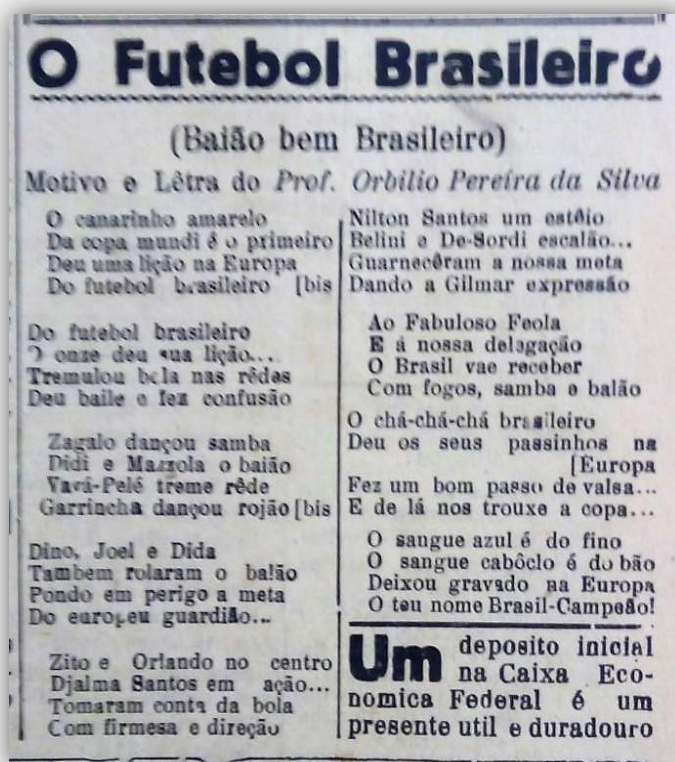


Fig. 2: Letra de música homenageando a seleção brasileira de 1958.
Gazeta do Norte, 06 jul. 1958, p. 1.

Na segunda, a *Gazeta do Norte* publicou as felicitações ao selecionado brasileiro, em nome de uma equipe amadora local (Fig. 3), o Independente F. C.

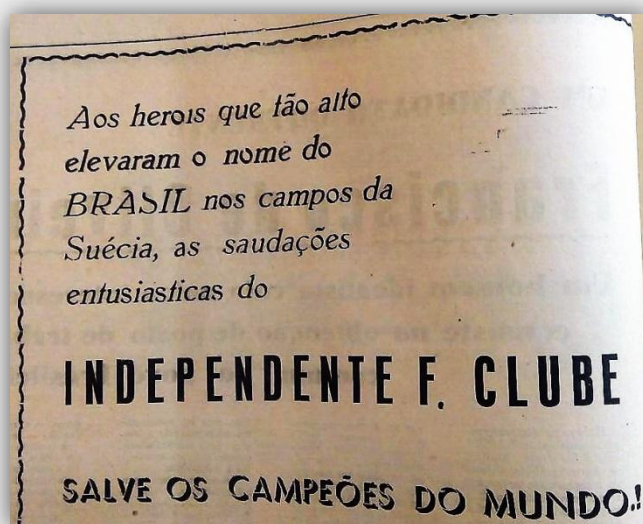


Fig. 3 – Homenagem do Independente F. C. aos
campeões do mundo na Copa da Suécia.
Gazeta do Norte, 06 jul. 1958, p. 10.

Pelas páginas do jornal mais importante da cidade, estes seriam os dois apontamentos sobre a Copa de 1958. Afirma-se, então, o distanciamento da *Gazeta do Norte* em relação às notícias do futebol que não fossem da cidade. Até porque, mesmo durante a Copa, foram veiculadas outras notas esportivas, contudo, trataram de assuntos internos, como o amistoso disputado entre a equipe da Associação Desportiva Ateneu, campeã montes-clarense, contra o Santos F.C., que aconteceria no dia 15 de junho de 1958.

A visita do Santos, para a *Gazeta do Norte*, mereceu mais destaque do que a Copa, divulgado como o assunto futebolístico da semana que empolgaria a cidade. À época, o jornal anunciou que, excetuando Zito, Pelé e Pepe, pois estavam na Suécia disputando a Copa na Suécia, “[...] todos os demais valores do bi-campeão paulista estarão pisando o gramado do Estádio João Rebello dia 15 deste para enfrentar o Ateneu, Super-Campeão da cidade”.⁵¹

Importa ressaltar que, o amistoso Ateneu versus Santos ocorreria no dia 15 de junho, como consta na *Gazeta do Norte* (Fig.4), justamente no dia em que o Brasil venceria a União Soviética por 2 a 0 na Copa, em jogo válido pela primeira fase; demonstração clara do distanciamento ou desinteresse dos jornal sobre as notícias da Suécia. Mesmo não tendo sido lembrado pelo jornal posteriormente, o Santos venceria a partida amistosa contra o Ateneu por 3 a 1.⁵²

As duas alusões à conquista da Copa de 58 trazidas pela *Gazeta do Norte*, não se confundem com o sentimento de alívio que a vitória trouxera para cariocas e o temor por mais uma derrota numa Copa do Mundo de futebol. Os sintomas do “complexo de vira-latas” não se notavam no jornal de Montes Claros. O orgulho por ser campeão sim, ainda que timidamente, porém, nem “vira-latas”, nem “heróis geniais”.

Como sabido, o Brasil sagrar-se-ia bicampeão mundial quatro anos depois, momento da consagração do “homem genial” de Nelson Rodrigues e do brasileiro no estrangeiro. “[...] Em 62, logo após a conquista do bicampeonato mundial no Chile, ‘cada brasileiro [...] sentiu-se fisicamente implicado no triunfo’ e ‘cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas’”.⁵³

⁵¹ GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 2, 08 junho 1958.

⁵² ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA ATENEU. Wikipédia. Disponível em: <http://bit.ly/2RIC5ib>.

⁵³ SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 60.

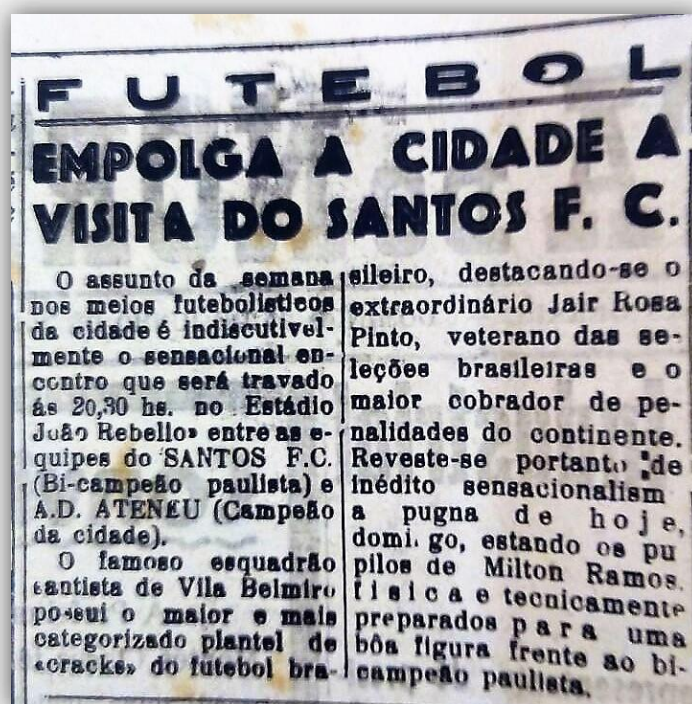


Fig. 4: Anúncio do amistoso entre o Santos F. C. e a A. D. Ateneu, para o dia 15 de junho de 1958, em meio a Copa da Suécia. *Gazeta do Norte*, 15 jun. 1958, p. 2.

A Copa do Chile aconteceu do dia 30 de maio até 17 de junho de 1962. Não se pode afirmar que a *Gazeta do Norte* deu mais atenção para este mundial do que para o anterior, uma vez que manteve o mesmo estilo, noticiando o futebol local e, esporadicamente, o Brasil nos campos chilenos.

Das três notícias encontradas sobre a Copa, a primeira destacou a vitória sobre a Espanha por 2 a 1, “[...] que veio colocar o Brasil nas quartas de final do Campeonato Mundial”;⁵⁴ a segunda mereceu maior destaque, trazendo o anúncio do próximo jogo, que seria contra a Inglaterra. Em seguida, a nota demonstra receio, provocado em decorrência dos acidentes acontecidos no Brasil após o jogo anterior. Entretanto, claramente não são notícias de comemorações ou confusões em Montes Claros:

Copa do Mundo

Hoje às 15:30 em Viña del Mar será realizada a Oitava Eliminatória da Copa do Mundo. O Brasil jogará com a Inglaterra para penúltima classificação e o vencido será eliminado. Reina intensa expectativa. Já

⁵⁴ GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 1, 07 junho 1962.

com o resultado do jogo com a Espanha mortes e acidentes foram a consequência de nossa vitória. Um jovem com seu rádio transistor foi jogado de janela afora do trem em que viajava, quando pulando de alegria, acertou com a janela, ficando debaixo dos trilhos. Outro, também com outro pulo de incontido entusiasmo meteu a cabeça num poste, fraturando o crânio. Uma bomba estoura entre foliões da vitória, ferindo três pessoas. E muitos outros. Vencendo a Inglaterra, que acontecerá.⁵⁵

A seleção brasileira venceria a Inglaterra (3 a 1) nas quartas-de-final e o Chile (4 a 2) na semifinal, tais vitórias não fizeram com que a *Gazeta do Norte* repercutisse os resultados da seleção naquela Copa. A última atenção do jornal montes-clarense seria o anúncio da partida final do Brasil contra a Tchecoslováquia (Fig. 5), destacando que a seleção poderia sagrar-se bicampeã mundial de futebol.



Fig. 5: Anúncio da final da Copa do Mundo do Chile, 1962, Brasil x Tchecoslováquia. *Gazeta do Norte*, 17 jun. 1962, p.1.

Fato é que o Brasil foi mais uma vez campeão após vencer a Tchecoslováquia por 3 a 1 na final, porém, a *Gazeta do Norte*, mais uma vez, ignorou o feito. Não foi pelas páginas do jornal local que os montes-clarense souberam do bicampeonato no Chile e dos gols de Amarildo, Zito e Vavá.

A análise ao final da Copa do Chile, baseada em Nelson Rodrigues, expõe um brasileiro “vacinado” contra o “complexo de vira-latas”:

O futebol brasileiro era “delirante” cheio de “vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora”, todas as características que se opõem ao modelo racional da sociedade moderna. Ao fazer um balanço daquela Copa de 62, comenta que o inglês “apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro “vive” cada lance e sofre cada bola na carne e na alma [...] fora

⁵⁵ GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 1, 10 junho 1962.

do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente”.⁵⁶

E se um dia inferiorizou-se frente ao estrangeiro, naquele momento desenvolvera um modelo de vencer no futebol e na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observado que, tanto a imprensa carioca como autores acadêmicos, tiveram na Copa do Mundo de 1958, um limiar do “complexo de vira-latas” para o “herói genial” rodriguianos. Todavia, no decorrer deste trabalho, nota-se que este sentimento, supostamente generalizável para a conjuntura nacional, não deveria ser considerado para qualquer cidade do país. Sem embargos, na sertaneja cidade de Montes Claros, o contexto local adquiriu aspecto distinto: nem o “complexo de vira-latas”, nem o “herói genial”, foram observados na sua imprensa esportiva, durante o período das Copas da Suécia (1958) e do Chile (1962).

Desta forma, ao se considerar a crônica futebolística como importante formador de opinião pública, e que “[...] através dela o futebol deixa de ser apenas um esporte e adquire uma dimensão de representação, uma ‘ressonância alegórica’, tornando-se uma ‘metáfora de situações universais’”,⁵⁷ o formato de abordagem carioca, inspirada nas crônicas de Nelson Rodrigues e outros, em Montes Claros não se observava.

Na cidade norte-mineira, conclui-se que o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, a *Gazeta de Norte*, principal periódico local, enfocava o futebol municipal, destacando os eventos da cidade em detrimento do futebol externo, ainda que fosse a Copa do Mundo. Enfim, ainda que o futebol já detivesse significativa importância na cidade, com equipes e campeonatos organizados, não se nota no jornal analogias feitas ao estilo de Nelson Rodrigues ao refletir o brasileiro através do futebol.

⁵⁶ PINHO. Futebol, nação e homem brasileiro, p. 157.

⁵⁷ SILVA. O mundo do futebol e a crônica esportiva, p. 104.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia. Sobre “viralatismo” e “pessimismo”: o discurso da inferioridade voluntária do brasileiro no entorno da Copa de 2014. **(Con)textos Linguísticos**, v. 9, n. 12, p. 111-123, 2015.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial**: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras. **Anais** do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Jataí, 25 a 27 set. 2012.

BRAGA, Jorge Luiz. Vira-latas – complexos e cultura no país do futebol. **Anais** do XXII Congresso da Associação Junguiana do Brasil, Buzios, 06 a 09 nov. 2014.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: imprensa e representação da seleção brasileira nas copas do mundo de 1950 e 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DIAS, Cleber. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Tempo**, v. 19, n. 34, p. 33-44, jan.-jun. 2013.

GILARDI, Juan José Torres. 1950: o olhar da imprensa. **Contemporânea**, v.6, n. 1, p. 126-138, jan.-jun. 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Primórdios do esporte no Brasil: apontamentos comparados. In: MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MOSTARO, Felipe Fernandes; HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. **História Unisinos**, v. 19, n. 3, p. 272-282, set.-dez. 2015.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros**: sua história sua gente seus costumes. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1957.

PINHO, José Antônio Gomes de. Futebol, nação e homem brasileiro: o “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues. **O&S**, v. 16, n. 48, p. 141-167, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. (Seleção e notas de Ruy Castro) São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. O pangaré, o vira-latas e o burrico. **Anais** do XII Congresso Internacional da ABRALIC, Curitiba, 18 a 22 jul. 2011.

SANTOS, Luís Fernando Amâncio. A “pátria em chuteiras”, para o bem e para o mal: o futebol, entre dilemas e glórias, em Nelson Rodrigues, Rio Quarenta Graus (1955) e Garrincha, Alegria do Povo (1963). **Anais** do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 19 a 23 jul. 2010.

SANTOS, Michele dos. BORGES, Luix Henrique. Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras. **Uniabeu**, v. 3, n. 3, set.-dez. p. 62-74, 2012.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de “vira-latas”**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Francisco Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da; GALEIRO, Regina Célia Lima. Fé, teatro e bola no pé: o cotidiano dos premonstratenses no Norte de Minas Gerais. **Religare**, v. 11, n. 2, p. 240-268, set. 2014.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Luciano Pereira da. O Futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. **Licere**, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013.

SILVA, Luciano Pereira da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Os primeiros movimentos do foot-ball em Montes Claros: a inauguração de útil e saudável diversão. **Anais** do III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte. Niterói, 23 a 25 set. 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol e a crônica esportiva. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 3, p. 86-106, set.-dez. 2017.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: CORDEIRO, Leandro Batista; SILVA, Silvio Ricardo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (orgs.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

SOUZA, Marcelo Henrique Marques de. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo. **Revista de estudos transitivos do contemporâneo**, n. 8, p. 1-11, 2013.

VELOSO, Geisa Magela. **A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

* * *

Recebido para publicação em: 05 maio 2018.
Aprovado em: 26 dez. 2018.